

APROPRIAÇÕES DA LEITURA, DA ESCRITA E AS INTERFACES ENTRE O LIVRO E O ESPAÇO VIRTUAL: COMO OS PROFISSIONAIS DO ENSINO PERCEBEM ESTA RELAÇÃO?

ANDRÉA COSTA DA SILVA (UFRJ), CÍNTIA REGINA LACERDA RABELLO (IBEU),
MARIA APARECIDA PADILHA RIBEIRO.

Resumo

A veloz penetração das chamadas “tecnologias de informação” na sociedade contemporânea revelou a necessidade de percepções mais críticas e reflexivas sobre as formas de apropriação da leitura e da escrita. Levando-se em conta tais inquietações, foi oferecido na Casa de Leitura–PROLER–FBN, no Rio de Janeiro, o curso: “Apropriações de leitura e escrita: interfaces entre o livro e o espaço virtual”. Discutimos com profissionais de diversas áreas do conhecimento, sob o enfoque teórico necessário, adotando Roger Chartier (1999, 1990, 2001, 2007), Nestor Garcia Canclini (2007, 2008) e Andréa Ramal (2002), que contemplam a perspectiva da cultura escrita, levando em conta sua historicidade, investindo na sua representação enquanto bem simbólico e cultural. E traçam as respectivas evoluções e apropriações, esclarecendo que não ocorrerá substituições, mas diferentes formas de apropriação, como a criação dos blogs, sites, ebooks etc. No decorrer das discussões, foi possível perceber, de forma empírica, que os profissionais envolvidos com ações de incentivo à leitura e escrita (professores, bibliotecários e agentes de leitura) têm percepções híbridas sobre os contornos histórico–culturais que envolvem as práticas de leitura e escrita na contemporaneidade. Estes profissionais buscavam aporte teórico para ações práticas, aspecto perceptível na arena discursiva dos participantes. Pretendemos, assim, refletir sobre as percepções híbridas destes profissionais a partir da relação entre tecnologia, leitura e escrita.

Palavras-chave:

apropriações, tecnologia, leitura e escrita.

Introdução

A presente comunicação tem como objetivo discutir os resultados e as questões geradas no curso “Apropriações de leitura e escrita: interfaces entre o livro e o espaço virtual”, realizado este ano na Casa da Leitura - PROLER - Fundação Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro. O curso teve como objetivo discutir as diferentes formas de apropriação da leitura e da escrita nos mais diversos espaços sociais (bibliotecas, blogs, livrarias etc), visando dar aos participantes aporte teórico sobre o tema.

Os conteúdos do mesmo voltaram-se para as relações entre leitura e escrita, perpassados pelas novas tecnologias de informação e comunicação, tendo como questão norteadora as influências da tecnologia nos processos de leitura e escrita.

O curso teve como público-alvo os profissionais de ensino e mediadores de leitura que atuam nos espaços formais e informais de ensino (públicos ou privados), estudantes de graduação, entre outros, o que possibilitou que as discussões estivessem centradas nas práticas de cada participante, as quais contribuíram para as discussões teóricas. É importante assinalar que os participantes, nos encontros e discussões, demandaram orientações para realizações de atividades práticas, que

derivava sempre na questão: como colocar em prática os conteúdos assimilados? Assim, procuramos contemplar atividades práticas que visassem uma visão crítica dos conceitos abordados.

Diante disso, trabalhamos com as seguintes questões: como usar criticamente as tecnologias de informação e comunicação, nos espaços formais e informais de ensino e nos processos de leitura e escrita? Como o uso da tecnologia pode ressignificar as práticas destas pessoas, docentes ou não, no seu cotidiano? O desconhecimento do uso ou o não uso das novas tecnologias de informação e comunicação pode comprometer a ação pedagógica atual? Como estimular a leitura na era digital?

Tais questionamentos foram importantes para os encontros realizados, nos quais discutimos os papéis do autor, as facetas do mundo digital, os percursos da leitura e da escrita, a história do livro, a função das bibliotecas, entre outros. Cada ponto foi explorado a partir de referenciais teóricos como Chartier (1999; 2001; 2002), Bignotto (1998), Lévy (1993), Jobim & Souza (2002), entre outros, os quais despertaram bastante interesse nos participantes, dando-nos os elementos necessários para a construção do presente trabalho, sendo cada um deles explorado nas partes que seguem.

1 - Quem é autor hoje? O que caracteriza o leitor?

Os caminhos percorridos por leitor e autor, com ênfase no papel que o autor passou a exercer com o advento das tecnologias, foi uma das primeiras abordagens. E, como a leitura e a escrita são/estão relacionadas ao mundo digital ajudou-nos na discussão sobre os percursos de uma e outra até os dias de hoje.

Durante séculos, as sociedades humanas se valeram da oralidade como principal fonte de transmissão dos saberes culturais. Posteriormente, ao longo de outro período, a escrita se associou a essa oralidade, trazendo novas relações com o conhecimento, ampliando determinadas capacidades humanas e relativizando outras. Em uma época mais recente, nossa relação com o conhecimento é dinamizada através da utilização das novas tecnologias de informação e comunicação.

Estes usos remetem ao papel da Internet e da *World Wide Web* na contemporaneidade e as possíveis ressignificações do espaço educacional diante dos novos papéis que alunos, professores e demais profissionais do ensino assumem. As relações estabelecidas entre o homem, a oralidade, a escrita e a informática podem ser entendidas através dos momentos históricos fundamentados no espírito humano e nas formas de apreensão da realidade, como pontua Pierre Lévy (1993). Este espírito encontra-se dividido em três polos do conhecimento, caracterizados de acordo com as formas de registro e conservação daquilo que o homem apreende do mundo: o polo da oralidade[1], o polo da escrita[2] e o polo informático-mediático[3].

Cada polo traz discussões relevantes sobre a oralidade, a leitura, a escrita, a tecnologia, que relacionados representam o hipertexto, que é uma forma de estruturação textual, realizada em outro espaço - o ciberespaço, que permite ao

leitor ser o co-autor do texto, oferecendo-lhe níveis diferentes de aprofundamento e desenvolvimento de determinado tema.

Assim como o processo de escrita se transformou ao longo dos séculos, o conceito de autor também mudou: concebido primeiramente com cunho religioso (aquele que produziu alguma coisa), posteriormente com sentido de proprietário (sob uma visão jurídica) ou a pessoa que tem uma opinião sobre certo tema (uma questão prática), até chegar a ter o estatuto literário que designa aquele que produziu e publicou um texto. "Autor, em matéria de literatura, diz-se de todos aqueles que trouxeram à luz algum livro" (CHARTIER, 1999b, p. 44). Longe de ser apenas aquele que garante a unicidade e a coerência do livro, o autor também é aquele que dá sentido à obra. Dessa forma, como caracterizar autor e escritor? De acordo com Chartier (1999b), o escritor apenas escreve um texto que não é posto em circulação, ao passo que o autor publica aquilo que escreve, ou seja, dá identidade e autoridade ao texto.

Voltando à história, Chartier lembra que a questão da autoria nos remete às relações de autor e editor a partir da Revolução Industrial no século XVIII, quando, preocupados com a falsificação de obras, os livreiros-editores criaram a ideia do autor-proprietário, gerando o direito do autor sobre a obra, ou seja, o *copyright*. Com a revolução do texto digital, percebemos que a ideia de autoria é mais uma vez questionada, já que o *hipertexto* permite ao leitor fazer diversas leituras, os *links* remetem o leitor a diversas obras e a leitura do texto é construída de uma forma fragmentada e não-direcionada pelo autor. Além disso, os processos de *copy and paste*, possibilitados pelas ferramentas do texto digital, permitem ao leitor "criar" novos textos a partir de fragmentos de diversos autores.

A Internet inaugura uma nova realidade nos processos não só de comunicação, mas também de leitura e escrita. Com a Web 2.0[4], os usuários passam de meros espectadores a produtores de informação e conhecimento. Os leitores de jornais virtuais se tornam jornalistas e publicam suas próprias matérias no site do jornal. Espectadores de peças de teatro e cinema, consumidores dos mais diversos produtos e serviços, se tornam escritores e publicam suas críticas na *web*, seja em *sites* especializados, seja em *blogs* pessoais. A escrita de si nunca foi tão incentivada como na era da Internet.

Segundo Foucault (1992), o papel do autor remete a uma das possíveis figurações do eu. Ao falar de si, cada indivíduo é autor da sua própria "fala", o que delinea traços da identidade. Na troca de cartas e mensagens virtuais, nos *blogs*, nos espaços de interatividade virtual, é possível "formar para si próprio uma identidade através da qual se lê uma genealogia inteira" (op. cit., p. 144). Foucault afirma que:

O papel da escrita é constituir, com tudo o que a leitura constituiu, um 'corpo' [...]. E, este corpo, há que entendê-lo não como um corpo de doutrina, mas sim - de acordo com a metáfora tantas vezes evocada de digestão - como o próprio corpo daquele que, ao transcrever as suas leituras, se apossou delas e fez sua a respectiva verdade: a escrita transforma a coisa vista ou ouvida 'em forças e em sangue' (op. cit., p. 143).

A oferta de modalidades de leitura e escrita diferenciadas na *Web* permite o entrecruzamento de materialidades diversas, como *blogs* de escritores divulgando

seus livros em papel ou textos digitais que se interrelacionam com outras obras e espaços virtuais, configurando panoramas inusitados de mediações de leitura e escrita.

Na proposta do curso, procuramos incluir em cada encontro uma atividade que chamamos de "mão-na-massa", nas quais os participantes pudessem se expressar, através da leitura ou escrita, sobre as questões abordadas. Uma dessas atividades foi a construção de um "*blog* de papel" com um pequeno bloco de notas. Esta estimulou os participantes de um determinado grupo a escrever a partir de uma frase ou mensagem, que virou posteriormente a página para a escrita do participante seguinte. Este foi um momento importante, pois ajudou-nos a perceber que mesmo distante das telas dos computadores construímos leituras/escritas fragmentadas que possuem significação e/ou interação nos processos de construção de autoria, leitura e escrita.

Esta atividade foi antecedida de uma breve discussão sobre o surgimento dos *blogs* e da sua relação com a escrita de si, comparada aos diários de antigamente. Após a realização da atividade, pudemos perceber o interesse pela atividade em si, como uma possibilidade de desdobramento pedagógico na inserção direta com as práticas profissionais dos participantes.

Sempre com a intenção de entrecruzarmos as práticas de leitura e escrita utilizando diferentes tecnologias, como o livro, o papel e a tela do computador, criamos um *blog* chamado Technoleitura[5] a fim de aprofundarmos as discussões dos encontros presenciais no mundo virtual e lançarmos a proposta de visita e participação. Nosso objetivo maior era fazer com que os alunos tivessem uma experiência prática dos conteúdos apresentados. O mesmo serviu como um canal de comunicação de mensagens, opiniões, artigos, etc, onde disponibilizamos aos participantes a bibliografia utilizada no curso, o acervo de vídeos, dicas de leituras e *links* interessantes. Apesar de alguns participantes terem resistido um pouco, até mesmo por desconhecimento da ferramenta, tivemos boas discussões e práticas de escrita.

2 - Os suportes da leitura e da escrita: velhos desafios ou novas ameaças?

Os novos e velhos suportes de leitura e escrita (livro, texto eletrônico, etc) sempre estiveram presentes nas falas dos participantes, gerando muitas discussões sobre esta mudança paradigmática na vida cotidiana das pessoas e, principalmente, no cotidiano escolar. O que ameaça? Os velhos usos? As novas formas de apropriação?

Chartier traduz bem esses dilemas quando aponta as rupturas introduzidas pela revolução do texto digital: "uma nova técnica de difusão da escrita incita uma nova relação com os textos e impõe-lhes uma nova forma de inscrição" (2002, p. 23). É nesta possibilidade de estabelecer uma nova relação com os textos que os leitores devem transformar seus hábitos e percepções, pois há mudança estrutural no suporte.

A revolução da textualidade digital também põe à prova a construção de créditos e discursos do saber, colocando sob interrogação os antigos pressupostos de autoria, provocando uma nova relação entre leitor e autor. A leitura não é mais linear, organizada pelo autor, fácil de manusear, como acontece no texto impresso. Esta

possibilidade de descontinuidade do texto eletrônico, decidida pelos caminhos do leitor, gera uma liberdade e uma nova organização do conhecimento.

Os diferentes suportes de leitura e escrita foi um dos tópicos bastante abordados ao longo do curso. Iniciando com uma apresentação de fotos dos diferentes suportes, desde a pedra e o papiro até o livro e a tela do computador ou do celular, buscamos refletir sobre como a mudança de suporte pode influenciar nas diferentes formas de ler e escrever um texto. A fim de ilustrar a fragmentação do texto eletrônico, uma das atividades do curso envolveu uma "leitura quebra-cabeça", onde diferentes trechos de textos de Chartier foram "recortados" e a leitura reconstruída através da leitura individual de cada participante. Além de tentarmos montar um texto linear a partir dos fragmentos, envolvendo a participação de todos os membros do grupo, e discutir o conteúdo dos textos em si, questionamos se seria possível identificar os suportes originais de cada trecho do texto (jornal, revista, *Web*). Mais uma vez, os participantes demonstraram interesse pela atividade proposta como uma forma de adicionar às suas próprias práticas pedagógicas de leitura e escrita.

No entanto, uma questão permaneceu ao longo do curso: com a revolução técnica, do códice à tela, qual será o futuro do livro? Como estimular a leitura do livro na era do computador e dos *e-books*?

O livro foi símbolo de conhecimento e autoridade, objeto de poder, saber e riqueza, e sempre nos remeteu à noção de imortalidade, longa durabilidade. Pode o texto eletrônico oferecer também esta noção? Por outro lado, o texto digital surge com a facilidade de acesso e armazenamento, permitindo uma maior disseminação dos conteúdos via *Web*, mas também levanta a questão do *copyright*, como no caso da digitalização e distribuição de obras sem o conhecimento do autor.

Desta forma, algumas questões tornam-se corriqueiras: o livro será substituído pelo computador? A publicação de livros será prejudicada com a revolução do texto digital? Quais as vantagens e desvantagens de cada suporte? Quais as vantagens e desvantagens da digitalização de obras e sua oferta através da web?

Segundo Chartier, a possibilidade ou a necessidade de as bibliotecas digitalizarem suas coleções nunca deve conduzir-nos a relegar ou a destruir os objetos impressos do passado:

Como leitores, como cidadãos, como herdeiros do passado, devemos, pois, exigir que as operações de digitalização não ocasionem o desaparecimento dos objetos originais e que seja sempre mantida a possibilidade de acesso aos textos tais como foram impressos e lidos em sua época (CHARTIER, 2002, p. 29).

O aniquilamento do livro e a euforia pelo texto digital são duas pontas extremas de uma realidade que ainda se desnuda. Assegurar que a inexistência de um consagra a vida do outro implica dizer que tecnologias novas e antigas não podem conviver no mesmo espaço. Qualquer prognóstico, nesse sentido, seria reducionista e simplificador.

No pêndulo dessas idéias buscamos relativizar e ampliar horizontes conceituais no investimento de que a realidade vigente de determinado artefato cultural é um

constructo que deve ser observado em sua historicidade. Para tanto, realizamos com os participantes uma visita à biblioteca infanto-juvenil da Casa da Leitura com a proposta de que se deixassem "ser capturados" por algum livro a mostra nas estantes. No desdobramento desta ação pudemos perceber que a escolha afetiva e/ou profissional dos participantes foi a tônica das escolhas, relatos comovidos, tocados pelo reencontro com um livro querido ou com algum texto que fazia emergir alguma ação pedagógica de significância pessoal. "A biblioteca entre o reunir e o dispersar" de Chartier (1999a) serviu de mote para as discussões posteriores na perspectiva de instigar a criticidade dos participantes na era da profusão de informações, em que o livro em sua "velha" materialidade deve ser observado com cuidado e merecida atenção.

Ao final do curso, procuramos discutir a *cibercultura* e as mudanças que surgem com a cultura digital. Após a discussão, apresentamos aos participantes a proposta da construção de um *zapping*[6] de leituras, em que cada um pudesse descrever através de imagens e/ou palavras os conceitos discutidos ao longo do curso, os quais foram mais relevantes para eles. Pudemos perceber através dos trabalhos apresentados que para os participantes, apesar da cultura digital e todos os artefatos que utilizamos no nosso dia-a-dia, sempre haverá lugar para o livro de papel e o autor.

3 - Considerações finais:

Ao pensarmos nas diferentes formas de apropriação de leitura e escrita no ambiente digital e nos problemas relacionados a comportamentos que surgem com a *cibercultura*, procuramos investigar como é possível trabalhar os conceitos de leitura e escrita associados às novas tecnologias, sem relegar a um segundo plano outras ferramentas, como o livro, o papel ou o lápis. Uma possível resposta talvez possa ser encontrada na atuação da escola e no processo educacional. Cabe à escola fazer a interação entre as práticas educacionais e a tecnologia, repensarem e reorganizarem conceitos e práticas no uso de cada uma das tecnologias: o computador, a Internet, o livro e o texto digital.

Foi pensando nisso que procuramos em uma das atividades relacionar tecnologia, leitura e escrita, entendendo o papel e a função que cada uma ocupa, questionando: como levar estas para os espaços formais e informais de educação? E, foi através das palavras autor, linearidade, linguagem, leitor, tempo, técnica, digital, suporte, memória, apropriação, globalização, entre outras, que discutimos nossos papéis enquanto profissionais do ensino. Tarefa difícil para uns, diante de tantas exigências, seja dos alunos, demais profissionais ou mesmo dos gestores, mas que necessita de reflexão e discussão nos diversos âmbitos, pois não existem "receitas de sucesso".

Mudar não significa descartar tudo, mas sim renovar, transformar as atitudes e intenções. Significa partir da realidade dos sujeitos, estabelecendo conexões com os acontecimentos do mundo, da sala de aula, da comunidade. A prática pedagógica pode ser enriquecida com histórias em quadrinhos, fotografias, notícias

de jornais, vídeos etc., que são produzidos fora do espaço educacional, mas que têm uma grande repercussão dentro dele.

Uma possível transformação pode ser veiculada em sala de aula, ou em outros espaços educacionais, através do uso da tecnologia, na medida em que textos forem (re)produzidos, contatos estabelecidos, imagens (re)construídas e trabalhadas, pesquisas realizadas. A interação entre tecnologia, leitura, escrita e sujeito alteram não só os processos cognitivos, mas também o eu individual, porque nos auto desenvolvemos a partir de hipóteses formuladas, questões levantadas, descobertas realizadas.

Referências Bibliográficas:

BARBERO-MARTIN, Jesus. **Dos meios as mediações**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2003.

BIGNOTTO, Cilza Carla. O computador e a leitura "natural". **Leitura: Teoria e Prática**. Ano 17, nº32. Associação de Leitura no Brasil, dezembro de 1998.

BOURDIEU, Pierre. Una revolución conservadora en la edición. Buenos Aires: Eudeba, 1999. In CANCLINI, Nestor Garcia. **Leitores, Espectadores e Internautas**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1995.

_____, Nestor Garcia. **Leitores, Espectadores e Internautas**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro - do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora UNESP, 1999a.

_____. **A ordem dos livros - Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999b

_____. Do livro a leitura. In: _____. **Práticas da leitura**. 2. ed. São Paulo, SP: Estação Liberdade, 2001.

_____. Do código ao monitor: a trajetória do escrito. **Estudos Avançados**, São Paulo,

v. 8, n. 21, p. 185-199, maio/ago, 1994.

_____. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

FOUCAULT, Michel. **O que é o autor?** Lisboa: Passagens, 1992.

JOBIM E SOUZA, Solange (ORG). **Educação e pós-modernidade: ficção científica e ciências do cotidiano**. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2003.

JOBIM E SOUZA, Solange e GAMBÁ JR, Nilton. **Novos suportes, antigos temores: tecnologia e confronto de gerações nas práticas de leitura e escrita**. Rev. Bras. Educ. [online]. 2002, n.21, pp. 104-114 em 19/04/2009

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da Inteligência - o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

_____. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

NEPOMUCENO, Carlos. Web 2.0. Post no blog do autor em dezembro de 2008. **Nepôsts - Rascunhos Compartilhados**. Disponível em: <http://nepo.com.br/2008/12/20/web-20/> Acessado em: 10/04/2009.

RAMAL, Andrea C. **Educação na cibercultura - hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem**. São Paulo: Artmed, 2002.

VIEGAS, Ana Cláudia. **Da página à tela - ou vice-versa**. ALCEU, v.4, n.8, janeiro a junho, 2004.

[1] Segundo Lévy, o tempo da oralidade primária é caracterizado pela transmissão oral de narrativas, de geração a geração. Nesse período, a cultura estava fundamentada nas lembranças dos indivíduos, e a inteligência, ligada à memória auditiva. A oralidade era um canal habitual da informação e a relação espaço-tempo era baseada na memória humana associada ao uso da linguagem. O tempo era circular, obedecendo a uma ordem cronológica.

[2] A escrita inaugura uma nova fase da vida humana, o que acarretou uma mudança no papel da memória social. Seu surgimento dá-se com o intuito de controlar os animais do rebanho, a colheita, os impostos e outras atividades referentes ao domínio de uma minoria letrada. Possuindo uma perspectiva linear de representação e ordenação das ideias, a escrita torna-se a organização modular e sistemática do conhecimento.

[3] No polo informático-mediático, a forma de codificar e decodificar o mundo é realizada através da imagem, do som, do hipertexto. Ocorre a mudança de um tempo cronológico para um tempo produzido pelas redes informáticas, fortemente marcado pela velocidade. Os sujeitos estão interconectados, espalhados por todas as instâncias geográficas. O hipertexto é a nova forma de leitura e escrita, com possibilidade de abriremos janelas, de fazermos links e conexões.

[4] "Conjunto de novas ferramentas tecnológicas que simplificou e, assim, popularizou as possibilidades interativas do ser humano, além da publicação, da circulação e retroalimentação das informações, ampliando na sociedade a produção do conhecimento, através das redes eletrônicas" (Nepomuceno, 2008).

[5] O endereço do mesmo é <http://www.tecnoleitura.blogspot.com>

[6] Termo originário do inglês, *zapping* refere-se à ação de utilizar o controle remoto para alterar rapidamente entre os canais da televisão, permitindo "ao telespectador, "zapear entre imagens de diferentes canais, assim como a conexão

em rede permite ao internauta navegar através de sites e links diversos" (Viegas, 2004).